

A FORMAÇÃO DO SUBESQUEMA ARGUMENTAL CAUSATIVO
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

THE FORMATION OF THE ARGUMENTATIVE CAUSATIVE SUBSCHEMA
IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Monclar Guimarães Lopes
Universidade Federal Fluminense
monclarlopes@gmail.com

Vanda Maria Cardozo de Menezes
Universidade Federal Fluminense
vandacardozo333@gmail.com

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo descrever, sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso, a emergência de um subesquema de valor causativo no português brasileiro, que pode acarretar mudança de transitividade e aumento de valência em verbos tipicamente monoargumentais, como *desaparecer* e *sumir*, ou expandir as possibilidades de uso de verbos já transitivos, como ocorre com *acabar*. Com base na visão de construção defendida por Goldberg (1995), defende-se a existência de uma correspondência de forma-sentido de natureza mais esquemática e abstrata. Nesse sentido, os verbos supracitados sofrem uma coerção tanto na forma quanto no sentido, a partir do momento em que são recrutados por uma nova construção.

PALAVRAS-CHAVE: Transitivização. Causativização. Linguística Funcional Centrada no Uso.

ABSTRACT:

This paper aims at describing a causative subschema in Brazilian Portuguese in the light of the Usage-Based Linguistics. This construction entails transitivity change as well as valence increase in mono-argumental verbs in our synchrony, like *desaparecer* (*disappear*) and *sumir* (*vanish*), or it expands the possibilities of use in transitive verbs, like *acabar* (*finish*). Based on Goldberg's perspective (1995), we support the existence of schematic and abstract form-meaning correspondences. Therefore, the above-mentioned verbs are coerced both in form and in meaning from the moment they are recruited by a new construction.

KEYWORDS: Transitivization. Causativization. Based-Usage Linguistics.

Introdução

Desaparecer e *sumir* são tradicionalmente considerados verbos inacusativos, isto é, predicadores monoargumentais que selecionam um sujeito sintático de papel paciente. Por sua vez, *acabar* é um verbo que pode instanciar tanto construções transitivas quanto inacusativas. Abaixo, segue uma ocorrência para cada um dos verbos supracitados, todas extraídas do *Corpus do Português*:

1. Não é raro que médicos digam aos pais de uma criança com TDAH que “isto desaparecerá com o tempo”.
2. Segundo o governo, *sumiram* US\$ 19 mil, que seriam para “festinhas de fim de ano”.
3. Fui tirar um curso profissional da escola de hotelaria e desde então quando *acabei* o curso com 19 anos, até agora, tenho o meu emprego.
4. Eu me lembro da grandeza que eu sentia quando o filme *acabou*.

Nos exemplos (1) e (2), *desaparecer* e *sumir* apresentam como sujeitos, respectivamente, os sintagmas nominais “isto” e “US\$ 19 mil”, sendo ambos afetados pela ação do verbo. Em (3), o sujeito de *acabar* (elíptico) é agente e o verbo seleciona um argumento interno (*o curso*). Já em (4), *acabar* apresenta-se como verbo inacusativo e seleciona um sujeito paciente (*o filme*). Paralelos a esses usos, há, em nossa sincronia, outros empregos em que tais verbos instanciam uma construção transitiva emergente, de sentido causativo e subesquema [X_{agente} V.COM Y_{afetado}]. Seguem algumas ocorrências, também extraídas do *Corpus do Português*:

5. Prefeitura de Volta Redonda *desaparece com* mais de R\$ 7 milhões da educação para 1998.
6. Detesto quando minha mulher resolve *sumir com* meus tênis detoados.
7. Há tratamento sim, mas pode ou não ficar com marcas. Com uma lixa você *acaba com* os terríveis calos nos pés.

Nos dois primeiros exemplos, os verbos apresentam uma nova transitividade, na medida em que selecionam tanto um argumento externo, com papel semântico de agente, quanto um outro interno, com papel semântico de afetado. Nessas ocorrências, pode-se observar, portanto, aumento de valência. No último exemplo, embora *acabar* já instancie uma construção transitiva – como

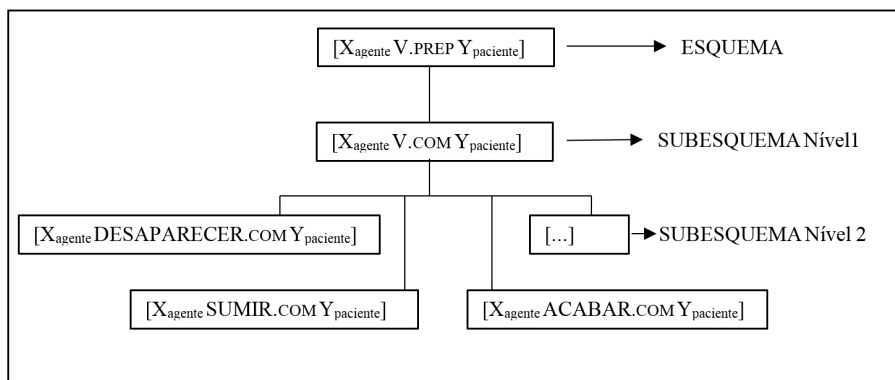
vimos em (3) –, há a emergência de um sentido de valor causativo, que pode ser observado não só em *acabar* como também nas duas ocorrências anteriores. Esse sentido pode ser parafraseado por uma construção com o verbo *fazer* [X FAZ Y V]: a) *A Prefeitura de Volta Redonda faz mais de R\$ 7 milhões de educação desaparecer*; b) *Detesto quando minha mulher faz meus tênis detonados sumirem*; c) *a lixa faz os terríveis calos nos pés acabarem*.

Nesta pesquisa sobre a transitivização de verbos monoargumentais, observa-se que a construção transitiva causativa [X_{agente} V.COM Y_{afetado}] recruta vários verbos, dentre os quais estão *acabar*, *desaparecer* e *sumir*; objetos de nossa investigação. Reconhece-se a construção como um subesquema em consonância com a visão de Traugott & Trousdale (2013), para quem as construções linguísticas estão distribuídas hierarquicamente na mente humana, sendo a *microconstrução* a construção em que todos os *slots* estão preenchidos; o *subesquema* a construção em que parte dos *slots* estão preenchidos; o *esquema* a construção em que todos os *slots* estão abertos. No objeto investigado, um subesquema, o *slot* preenchido é a preposição *com*, que se apresenta em elevado estágio de gramaticalização e perde seu sentido básico de associação. Todos os outros *slots* – sujeito, verbo e objeto – são abertos, devendo ser preenchidos paradigmaticamente por elementos que possam instanciar essa construção.

Este artigo está dividido em quatro seções: na primeira, trata-se do subesquema [X_{agente} V.COM Y_{afetado}] como uma representação esquemática de uma construção de estrutura argumental do português brasileiro, nos critérios de Goldberg (1995); na segunda, trata-se da formação dessa construção no português brasileiro, procedendo a uma investigação diacrônica de *acabar*, *desaparecer* e *sumir*, sob a perspectiva da *Teoria da Construcionalização e das Mudanças Construcionais*, uma abordagem para investigação da mudança construcional elaborada por Traugott & Trousdale (2013); na terceira, trata-se das motivações cognitivas para a emergência dessa nova construção; na quarta, discutem-se a metodologia e os dados.

A figura, a seguir, ilustra como as construções estariam esquematicamente representadas na mente humana. Em virtude de nosso objeto, a representação não prevê a microconstrução, já que é argumental e, por isso, não plenamente preenchida.

Figura 1. Rede da construção transitiva causativa



1. A Gramática de Construções e as construções de estrutura argumental

A Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2001) propõe que as expressões linguísticas, desde morfemas e palavras a frases complexas, constituem unidades simbólicas baseadas em correspondências entre formas e significado, que caracterizam um *continuum* entre léxico e sintaxe, sendo o sentido indissociável da forma. O estudo seminal que deu origem à Gramática de Construções pertence a Fillmore e colaboradores (1988 apud KAY e FILLMORE, 1999), que viram a necessidade de uma teoria que atendesse às exceções, que não eram consideradas pelas teorias sintáticas vigentes na época. Para tal, partiram do estudo das expressões idiomáticas que, segundo eles, têm as mesmas propriedades semânticas e pragmáticas dos itens lexicais. Como ilustração, observe-se o exemplo:

8. O rapaz deu com a língua nos dentes.

Em (8), pode-se afirmar que a expressão idiomática *dar com a língua nos dentes* tem a mesma propriedade que um item lexical não somente pelo fato de poder ser substituída por um único elemento, como o verbo *delatar*¹, mas

¹ Reconhece-se que a substituição idiomática por um item lexical é forçada, na medida em que, pragmaticamente, a expressão idiomática parece pressupor que o termo delatado é contextualmente compartilhado pelos interlocutores – o que não ocorre necessariamente com o verbo *delatar*. A substituição serviu apenas como ilustração.

também pelo fato de o significado da expressão não ser composicional, isto é, formado a partir da associação de suas partes. *Dar com a língua nos dentes* parece ter seu processamento cognitivo como um bloco único, o que vai de encontro à perspectiva componencial da gramática, a de que o processamento seria serial.

A partir da observação da existência dessas expressões não composicionais nas línguas, Fillmore e Kay (1999, p. 123) concluíram que tais estruturas deveriam ser aprendidas pelos falantes como blocos únicos, isto é, inferiram que conhecer o significado das partes de uma expressão idiomática como *dar com a língua nos dentes* não implica a compreensão da expressão, assim como o não conhecimento do significado de suas partes não impede o seu entendimento, desde que o falante tenha domínio de seu uso em seus respectivos contextos.

Sob um ponto de vista análogo, Goldberg (1995, p. 03) analisa cinco construções de estrutura argumental bastante frequentes e produtivas em inglês, que são totalmente esquemáticas – isto é, não preenchidas – de onde se pode depreender não apenas a existência de forma, como também de sentido. Nessa perspectiva, quando a construção se concretiza através de uma ocorrência, há uma coerção do sentido, que independe dos elementos que preenchem seus *slots*, elucidando que, ao contrário do que se pensava, as estruturas argumentais não são totalmente composicionais nem completamente dependentes dos verbos que as instanciam.

Quadro 1. Construções de estrutura argumental (GOLDBERG, 1995).

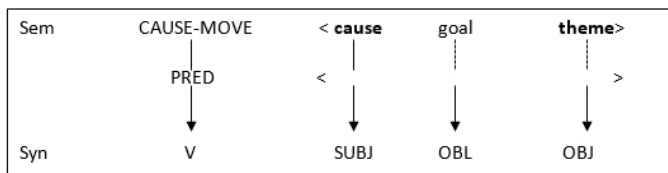
| Tipo de construção | Estrutura semântica | Estrutura sintática |
|---------------------------|------------------------------|--|
| 1. Ditransitiva | X CAUSA Y A RECEBER Z | Suj V Obj Obj <i>Pat faxed Bill the letter</i> |
| 2. Movimento causado | X CAUSA Y A MOVER Z | Suj V Obj Obl <i>Pat sneezed the napkin off the table</i> |
| 3. Resultativa | X CAUSA Y A TORNAR- -SE Z | Suj V Obj Xcomp <i>She kissed him unconscious.</i> |
| 4. Movimento intransitivo | X MOVE Y | Suj V Obl <i>The fly buzzed into the room.</i> |
| 5. Conativa | X DIRIJE AÇÃO PARA Y | Subj V Obl _{at} <i>Sam kicked at Bill.</i> |

Para mostrar a coerção da construção, a título de ilustração, observe-se a construção de movimento causado. Como exemplo, Goldberg (1995) seleciona uma ocorrência em que o verbo *to sneeze* (espirrar), um predicador tipicamente

inergativo [X_{agente} ESPIRRA], apresenta-se numa construção transitiva, com argumento interno e termo oblíquo. Uma versão portuguesa para *Pat sneezed the napkin off the table* seria “Pat espirrou o guardanapo para fora da mesa”.

Sob essa ótica, mesmo que ainda não realizados, os elementos sintáticos e semânticos encontram-se pareados num esquema como este:

Figura 2. A construção de movimento causado.



De maneira análoga a Goldberg (1995), a despeito da opção por um tipo diferente de representação, propõe-se neste trabalho a existência de uma construção argumental de valor transitivo causativo [X_{agente} V.COM Y_{afetado}]. Assim sendo, há uma coerção de sentido causativo dessa construção, que pode ser inferida a partir das diversas ocorrências, como se observa a seguir, em alguns dados do *Corpus do Português*:

9. Durante o tratamento com RESCOLD, embora raras, podem surgir algumas reações adversas como: náusea, tremor muscular, e erupções na pele que *desaparecem* com a suspensão do medicamento.
10. Para ajudar Aécio, mídia *desaparece com* aeroporto.

Em (09), tem-se um exemplo da construção inacusativa [X_{paciente} V], prototípica para o verbo *desaparecer*. Nela, é inserida um adjunto adverbial de causa encabeçado pela preposição “com”. Vale ressaltar que a semelhança entre este exemplo e o (10) é apenas aparente. Não se trata da mesma construção, na medida em que tanto forma quanto função não se equivalem. Na construção intransitiva, “com” inicia um adjunto adverbial; na construção transitiva, “com” é um elemento do SV e conectivo de um complemento oblíquo. Além disso, ao sujeito da construção intransitiva, está associado um termo de papel paciente; ao adjunto adverbial, um termo com propriedade de causa. Paralelamente, ao sujeito da construção transitiva causativa, há um sujeito de papel agente e ao complemento oblíquo, um termo afetado pela ação do verbo.

2. A Teoria da Construcionalização e das Mudanças Construcionais

A Teoria da Construcionalização e das Mudanças Construcionais (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) representa uma perspectiva teórica para as investigações diacrônicas em abordagem construcional. De modo geral, a obra tem o objetivo de fornecer procedimentos metodológicos para investigar como novas construções, sejam gramaticais, sejam lexicais, surgem na língua e como elas são representadas, de modo hierárquico, na mente humana.

Define-se *construcionalização* como uma mudança nos dois polos da construção, ou seja, altera-se tanto a forma quanto o sentido. Por esse motivo, Traugott & Trousdale (2013) descrevem a construcionalização como sendo um pareamento de uma FORMA_{NOVA}-SENTIDO_{NOVO}, cujo resultado seja um novo elemento para o inventário de construções, localizado na mente humana. Nos subesquemas analisados neste trabalho, sustenta-se que, na trajetória de construcionalização, ocorrem as seguintes mudanças: no polo da forma, um estágio avançado de gramaticalização da preposição *com* torna-a mais entrincheirada ao verbo, acarretando-lhe tanto uma maior fixidez posicional quanto a mudança da regência verbal. Há também, no caso dos verbos monoargumentais, o aumento de valência verbal, na medida em que esses predicadores, antes tipicamente intransitivos, passam a apresentar um argumento interno, um complemento oblíquo. No polo do sentido, há diminuição de composicionalidade da construção, haja vista que a preposição perde seu sentido prototípico, entrincheira-se ao verbo e passa a compor uma nova construção, de valor causativo. Ademais, de um lado, um sentido de *causatividade* emerge das novas construções, ao passo que há agentividade do sujeito; de outro, há uma expansão no paradigma de seleção dos sujeitos. A construção transitiva de *acabar*, por exemplo, só permitia a seleção de sujeitos de traço + animado. A construção transitiva causativa, por sua vez, permite ao predicador a seleção de um sujeito de traço –animado. Como ilustração, seguem duas ocorrências extraídas do *Corpus do Português*:

11. E não estamos diante de um desemprego momentâneo, pois a reengenharia *desapareceu com* milhares de postos de trabalho.
12. Lei americana *acaba com sigilo bancário no mundo*.

Em (11), há um uso transitivo de *desaparecer*. Nesse exemplo, o termo “a reengenharia” exerce a função de sujeito agente; “milhares de postos de trabalho”, a de objeto afetado pela ação de *desaparecer*. Vale frisar que, se tomada a oração isoladamente, também seria possível uma leitura intransitiva,

em que a “reengenharia” fosse sujeito paciente e “com milhares de postos de trabalho”, um adjunto adverbial de causa. No entanto, o contexto precedente restringe a interpretação a uma construção transitiva.

A despeito de parecer que essas duas leituras sempre foram possíveis, a intransitiva e a transitiva causativa, ressalta-se que esta última é mais recente, haja vista que seu uso é atestado nos *corpora* pesquisados apenas no século XX. No plano da forma, observa-se que a preposição *com* apresenta-se dessemantizada, sem seu sentido básico de associação. Por se tratar de um complemento oblíquo, sua posição é relativamente mais fixa que a de um adjunto adverbial. Observe-se, por exemplo, que, em (12), a topicalização do complemento oblíquo – isto é, *com sigilo bancário no mundo, lei americana pode acabar* –, resultaria em uma construção intransitiva, e não transitiva, o que mostra a plausibilidade de uma maior rigidez posicional.

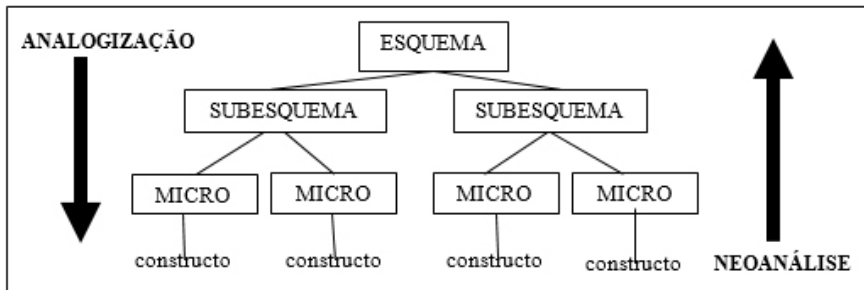
Em (12), há mudanças análogas às vistas logo acima no plano da forma, com a exceção de que não há, necessariamente, aumento de valência verbal (*acabar*, em uma de suas construções primitivas, já previa um argumento interno). No plano do sentido, há também uma relação de causatividade. Nesse sentido, dizer *lei americana acaba com sigilo bancário no mundo* equivale a dizer *lei americana FAZ sigilo bancário no mundo acabar*. Entretanto, observa-se uma expansão paradigmática na seleção do sujeito. Vale frisar que *acabar* já apresentava, desde o século XIII, tanto uma construção transitiva (*eu acabei o livro*) quanto uma intransitiva (*a comida acabou*). Contudo, a construção transitiva direta permitia apenas a seleção de sujeitos com o traço + animado, como se observa no exemplo *eu acabei a comida*. Nesse tipo de construção, não parece ser possível preencher o sujeito sintático com um termo – animado (* *o livro acabou-me*). No entanto, na construção transitiva seguida de *com*, é possível que o sujeito sintático seja um termo - animado (*o livro acabou com ele*), tal como ocorre em (12), cujo sujeito não apresenta o traço de animacidade.

A construcionalização ocorre por meio de dois mecanismos cognitivos: neoanálise e analogização. Na neoanálise, há uma trajetória diacrônica, que implica uma sucessão de micropassos. Inicialmente, uma forma já existente na língua é empregada em um contexto atípico, não esperado, o que suscita uma reinterpretação (*uma inferência sugerida*) por parte do interlocutor, que entende, naquele momento, que aquela construção deve ser vista sob uma nova função ou novo significado. Em nosso estudo, ver-se-á que esse processo se dá quando um adjunto adverbial, normalmente de causa, é reinterpretado como sendo complemento do verbo. Num segundo momento, esse novo uso pode começar a se convencionalizar e, por isso, aparece em contextos críti-

cos (ambíguos), em que as duas leituras são possíveis – no nosso caso, tanto uma leitura intransitiva quanto transitiva causativa. Num último momento, o novo uso mostra-se bastante convencionalizado e já é utilizado em contextos isolados, em que apenas o novo sentido é possível. No caso das construções $[X_{\text{agente}} \text{ V.COM } Y_{\text{afetado}}]$, observa-se que elas convivem com a construção-fonte, de natureza intransitiva, e ocorrem usualmente em contextos distintos.

Na última fase, a da convencionalização, a construção passa a representar novos nós-*type* na *constructicon*, nossa rede de construções, hierarquicamente organizados: no nível da microconstrução, do subesquema e do esquema. A neanálise ocorre por meio de um processo indutivo – de baixo para cima –, isto é, as ocorrências/constructos vão se convencionalizando e, por isso, formam micro-construções que, por sua vez, formam subesquemas e esquemas na rede. Assim que formado um esquema, ele pode tornar-se produtivo e formar novas micro-construções ou subesquemas por meio de analogização, quando a rede opera de cima para baixo.

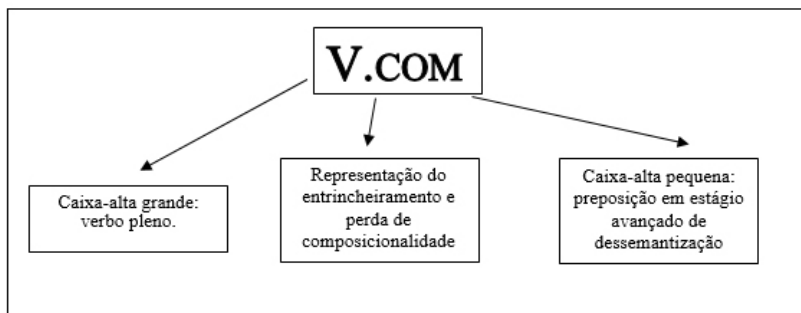
Figura 3. Hierarquia construcional.



Em se tratando do objeto de estudo desta pesquisa, conforme já se argumentou mais acima, não se trabalha com o nível da microconstrução, por se entender que toda microconstrução é plenamente preenchida e, uma vez que se investiga uma construção argumental, defende-se que a inserção de micro-construções não é pertinente.

Na seção anterior, quando se falara da representação esquemática de Goldberg (1995), esclareceu-se que não se faria uso da mesma representação esquemática, mas, sim, uma baseada no modelo de Traugott & Trousdale (2013). Nesse sentido, observe-se a notação científica empregada pelos autores:

Figura 4. Representação do esquema V.PREP.



Na figura 4, por questões didáticas, fez-se um recorte do subesquema. As duas formas, verbo e preposição, encontram-se separadas por ponto, o qual representa tanto o entrincheiramento dos elementos quanto a diminuição da composicionalidade da construção. O elemento lexical é representado em caixa-alta grande e o elemento gramatical em caixa-alta pequena. O *slot* do verbo pode ser preenchido por diferentes verbos – mas não quaisquer verbos, apenas aqueles que são recrutados pela construção. Porém, vale ressaltar que, como a construção é produtiva, novos subesquemas podem surgir no futuro.

Até hoje, quando se fala em mudança sob um ponto de funcionalista, impediram os estudos de gramaticalização, que prevê um processo unidirecional para mudança. Nessa perspectiva, a mudança é vista como uma passagem do léxico para a gramática, ou ainda, do menos para o mais gramatical, em que sempre se observa um processo de redução da forma e de aumento da dependência sintática. Embora a plausibilidade desse processo já tenha sido devidamente atestada, haja vista que a unidirecionalidade é comprovada na maior parte dos estudos de mudança de itens, a perspectiva da gramaticalização não nos permite estudar plenamente construções que são compostas por mais de um item, sobretudo, as mais esquemáticas.

Em *Teoria da Construcionalização e Mudanças Construcionais*, Traugott & Trousdale (2013) nos mostram que a unidirecionalidade deve ser substituída por direcionalidade quando se trata de uma perspectiva construcional. Na direcionalidade, no lugar da passagem do léxico para a gramática, são observadas a produtividade, a esquematicidade e a composicionalidade de uma construção, que podem sofrer tanto expansão quanto redução.

No caso das construções aqui investigadas, observam-se: 1) aumento de esquematicidade, na medida em que há construções de formas mais abstratas

na rede, como [X_{agente} V.PREP Y_{afetado}]; 2) Aumento da produtividade, na medida em que a construção transitiva causativa passa a recrutar novos verbos (e a formar novos subesquemas na rede); 3) diminuição da composicionalidade, haja vista que o encadeamento formado entre verbo e preposição (associada à dessementização desta) acarreta um novo sentido para a construção, que não é advindo da soma de suas partes. Não obstante, no lugar de expansão, pode haver diminuição, como se afirmara previamente. Um item como *presidente*, por exemplo, perde a analisabilidade formal de sua sílaba inicial *pre-*, ou seja, os falantes não reconhecem mais *pre-* como um prefixo, como o fazem, por exemplo, em pré-escola, e, conseqüentemente, perde esquematicidade, pois passa a figurar como um item lexical simples.

3. Motivação cognitiva subjacente ao processo de construcionalização

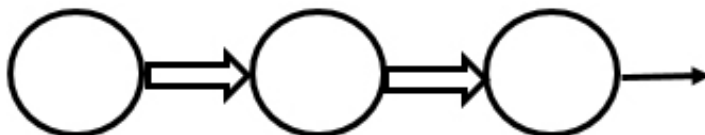
Para Langacker (2008), uma cláusula (e seus constituintes) está fundamentada na experiência humana básica, composta de seis arquétipos conceptuais, sendo de nosso interesse os três primeiros. O primeiro arquétipo conceptual é o de *uma (1) CENA, em cujo cenário há um número x de participantes*. Langacker (2008, p. 355), assim exemplifica esse conceito:

Nesse momento, por exemplo, eu me vejo em um quarto contendo muitos outros objetos: cadeiras, mesas, computador, impressora, livros, canetas, abajur, quadros, e daí por diante. Participantes – as pessoas mais típicas e objetos físicos discretos – são assim chamados porque eles participam em ações e interações. Por exemplo, eu atuo quando eu me movo pelo quarto e interajo com os objetos quando eu os uso, toco-os ou até olho para eles. Cenários típicos são coisas como quartos, prédios, regiões geográficas, que são concebidos como hospedeiros dos eventos que neles ocorrem. Em um determinado instante, cada participante é encontrado por uma **localização**. Uma localização é parte de um cenário (qualquer ponto ou área). De acordo, pensamos em locais como hospedeiros de participantes – simplesmente, estar em um lugar não leva a interagir com ele. Em síntese, participantes **INTERAGEM** uns com os outros, mas apenas ocupam os locais.

Segundo Langacker (2008, p. 355), este conceito de interação nos leva a um segundo arquétipo, (2) *a nossa concepção de objetos movendo pelo espaço e batendo uns nos outros através de fortes contatos físicos*. Nesse sentido, Langacker (2008, p. 355) afirma que “alguns objetos fornecem a energia requisitada através de seus próprios recursos internos; outros apenas transmitem ou absorvem a energia que recebem.

O terceiro arquétipo, por sua vez, desdobra-se deste último: (3) a cadeia de ações. A cadeia de ações representa interações de força, cada uma envolvendo transmissão de energia (seta larga) de um participante para o outro. Observe-se sua representação abaixo:

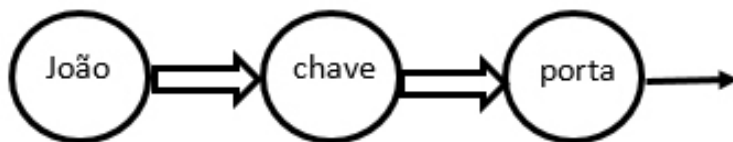
Figura 5. Representação do arquétipo *cadeia de ações*.



Com base neste último arquétipo, Langacker (2008) argumenta que os termos sintáticos que possuem propriedade semântica de causação competem para a posição de sujeito da cláusula. Segundo o autor (2008, p. 355), no processo de representação linguística, uma vez que nossa atenção está centrada no elemento de maior agentividade, é natural que esse, quando perfilado, assuma o papel sintático de sujeito.

Como exemplo, tome-se a frase *João abriu a porta com a chave*. Em termos representacionais, pode-se conceber João como a fonte de energia (isto é, a causa primária), de modo que João exerce uma força X sobre a chave, que exerce uma força Y sobre a porta. Imageticamente, esses elementos (todos perfilados na oração), poderiam ser representados assim:

Figura 6. Representação da cláusula *João abriu a porta com a chave*.



Caso o primeiro elemento, isto é, João, não fosse perfilado na oração, a tendência seria que o segundo elemento ocupasse o papel de sujeito sintático (*A chave abriu a porta*). Por fim, se nem o primeiro nem o segundo elementos (João e chave) fossem perfilados, o último elemento tenderia a preencher essa função sintática (*A porta abriu*).

Assim, considerando-se a motivação cognitiva, observa-se que, quando a uma construção inacusativa se adjunge um advérbio de causa que apresente a propriedade semântica de causação (como os adjuntos adverbiais de causa, por exemplo), eles competem, cognitivamente, pela posição de sujeito sintático. Portanto, defende-se que o processo inicial de neoanálise não se dá ao acaso, na medida em que é cognitivamente motivado.

Lopes (2015, p. 148-149), em sua tese de doutoramento, procedeu a um teste formal. Num primeiro momento, separou diversas ocorrências em que a construção inacusativa de *desaparecer* era seguida da preposição *com* e dividiu-as em dois grupos distintos. De um lado, havia as orações em que *com* encabeçava adjuntos adverbiais com propriedade de causação, como causa, condição ou instrumento; de outro, adjuntos adverbiais sem essa propriedade, como companhia e modo, ou, inclusive, adjuntos adnominais. Num segundo momento, fez um teste de inversão, substituindo os adjuntos adverbiais pelos sujeitos e os sujeitos pelos adjuntos. Como resultado, observou que os adjuntos adverbiais que continham propriedade de causação permitiam a instanciação da construção transitiva. Com base nos resultados desse teste, concluiu-se que a propriedade semântica da causação representa um importante fator conceptual no processo de neoanálise.

Quadro 2. Teste de inversão: da construção inacusativa à transitiva.

| Adjuntos com propriedade de causação | |
|---|--|
| Construção inacusativa | Teste de inversão |
| As verbas do tesouro desapareceriam <i>com os cortes orçamentários e a corrosão inflacionária</i> (causa). | Os cortes orçamentários e a corrosão inflacionária desapareceriam com as verbas do tesouro. |
| A caspa desaparece <i>com Clear</i> (instrumento). | Clear desaparece com a caspa. |
| Adjuntos sem propriedade de causação | |
| Construção inacusativa | Teste de inversão |
| Primeiro, pegar um molho de macela e colocar para cozinhar. Depois, lavar a cabeça com a macela cozida e a gripe vai desaparecer <i>com muita facilidade</i> . | * (...) muita facilidade vai desaparecer com a gripe. |
| (...) Ainda mais se considerarmos que o período abordado não ultrapassa praticamente duas décadas de música: de 1830 a 1850 aproximadamente, isto é, um período de grande fertilidade dos compositores nascidos em torno de 1810, alguns prematuramente desapareceram <i>com mais ou menos 40 anos de idade</i> . | * (...) Mais ou menos 40 anos de idade desapareceram com alguns compositores prematuramente. |

4. Metodologia e análise dos dados

Nesta pesquisa, desenvolveu-se análise qualitativa e quantitativa dos dados. Em seu aspecto qualitativo, procedeu-se a uma busca diacrônica tanto das construções inacusativas seguidas de adjuntos iniciados pela preposição *com* quanto da construção transitiva causativa. Nosso objetivo, com essa estratégia, foi o de flagrar os contextos de mudança (DIEWALD, 2006) que suscitaram os processos iniciais de neoanálise (contextos atípicos) e sua posterior convencionalização (contextos isolados). Em seu aspecto quantitativo, levantou-se a frequência *type* e *token* como forma de verificar tanto a produtividade desses subesquemas quanto o aumento de sua convencionalidade ao longo do tempo.

Como fonte de dados, recorreu-se a três diferentes *corpora*: 1) *Corpus* Vercial (constituído de 309 obras literárias portuguesas de 1500 a 1933); 2) *Corpus* Informatizado do Português Medieval (constituído pelos textos remanescentes do português arcaico); 3) *Corpus* do Português (constituído por textos sincrônicos de diferentes gêneros da modalidade escrita).

4.1. Desaparecer

A construção transitiva causativa de *desaparecer* surge no português brasileiro a partir de um processo de neoanálise, cuja fonte é a construção inacusativa em que está presente um adjunto adverbial que é neoanalisado como sendo um complemento do verbo. Nessa ótica, uma nova construção na língua emerge de um processo de inferência sugerida, em que uma nova função/novo sentido é deduzido a partir do contexto.

A neoanálise, no entanto, ocorre gradualmente em uma série de micro-passos. Diewald (2006) descreveu três contextos de mudanças que podem ser pensados como promotores desse processo. Assim sendo, num primeiro estágio, ocorre um contexto atípico (DIEWALD, 2006), no processo interacional, que suscita a reinterpretção de uma construção já existente, como se observa neste exemplo:

13. Daqui por diante a nossa vida seria um inferno. Ângelo: - Diga antes que não lhe sorri a ideia de viver modestamente, e receia o motejo da sociedade que assistir satisfeita ao leilão das nossas carruagens e tripudiar sobre os destroços do nosso luxo ridículo. É ainda a sua vaidade que fala. O amor, esse *desapareceu com* o último níquel! (Henriqueta estremece). Ludgero: - O senhor insulta minha filha. (AZEVEDO, Artur. *O Dote*. Romance do século XIX)

Uma vez que, no século XIX, *desaparecer* só se apresentava em construções inacusativas, para o exemplo supracitado, a leitura esperada é a de que “esse” seja um sujeito paciente e “com o último níquel”, um adjunto adverbial de causa. Contudo, dado o contexto, seria possível uma interpretação transitiva para a ocorrência, haja vista que, assim como o fim do dinheiro pode fazer o amor desaparecer, o amor pode fazer o dinheiro desaparecer. Nesta última leitura, “esse” é sujeito agente; “com o último níquel”, um complemento oblíquo, afetado pela ação do verbo.

14. Suicídio? Você não estará dizendo isso porque é uma resposta conveniente para a companhia de seguros? Afinal de contas, é seu ganha-pão. Pode ser – respondeu Aurélio –, mas não descartaria essa hipótese. – Aurélio, ninguém se mata e depois *desaparece com* a arma. Ficou olhando para o amigo e completou: - a menos que algum outro faça isso. (GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *O Silêncio da Chuva*. Romance do século XX).

Num segundo estágio, a repetição/recorrência desses tipos de contexto propicia uma leitura com opacidade múltipla, em que a ambiguidade favorece uma dupla interpretação para a construção (isto é, uma leitura tanto inacusativa quanto uma outra transitiva causativa para o verbo). Em (14), por exemplo, pode-se compreender tanto que o morto e a arma desapareceram, sendo ambos pacientes da ação verbal, quanto que apenas a arma do crime desapareceu, mas não o corpo.

Num último estágio, ocorre a convencionalização da nova construção, em que apenas uma leitura transitiva é permitida num contexto isolante.

15. Para ajudar Aécio, Mídia *desaparece com* aeroporto dado à sua família (manchete do século XXI).

Em (15), por exemplo, não é possível entender o sujeito como sendo paciente da ação do verbo, na medida em que apenas a interpretação de um sujeito agente é aceitável.

É interessante ressaltar que, no levantamento diacrônico dos dados, a despeito de se identificarem ocorrências de *desaparecer* do século XIV ao XVIII²,

² Na investigação diacrônica, fez-se uso do *Corpus Histórico Vercial*, disponível no site www.linguateca.pt.

apenas na segunda metade do século XIX encontram-se ocorrências em que *desaparecer* era seguido de *com*. O uso transitivo, por sua vez, em contextos isolantes, ocorre apenas no século XX, como se pode observar em (16), em que *três coisas* é objeto de *desaparecer*.

16. A Globo já *desapareceu com* três coisas: Diretas já, as vaias contra FHC no réveillon e agora o Torneio Mundial da Várzea! (Notícias do século XXI)

Tabela 1. Dados de *desaparecer* por tipo de construção e periodicidade.

| Período | Ocorrências da construção inacusativa de <i>desaparecer</i> seguido da preposição “com” – type 1 | | Ocorrências da construção transitiva de <i>desaparecer</i> V.COM – type 2 | |
|--------------|--|--------------|---|--------------|
| | No | % | No | % |
| 1700-1800 | - | - | - | - |
| 1801- 1900 | 25 | 100 | - | - |
| 1901-1989 | 33 | 89,19 | 4 | 10,81 |
| 1990 - 2014 | 54 | 71,05 | 22 | 29,95 |
| Total | 112 | 81,16 | 26 | 18,84 |

Na tabela acima, é possível constatar que a construção inacusativa seguida da preposição *com* apareceu primeiramente na língua no século XIX, não se registrando nesse período a instanciação do subesquema [X_{agente} V.COM Y_{afetado}]. No século XX, até o final da década de 1980, surge a construção transitiva, com raras ocorrências entre todos os usos de *desaparecer*. A partir do final do século XX, a frequência de uso dessa construção aumenta exponencialmente. Argumenta-se que esses dados atestam a convencionalidade da construção transitiva, isto é, confirmam o processo de construcionalização no português brasileiro.

4.2. *Sumir*

Constatamos que *sumir*, por sua vez, passa a instanciar a construção transitiva causativa por meio de analogização. Antes usado apenas como um verbo inacusativo, a construção transitiva de *sumir*, segundo os dados que examinamos, só apareceu efetivamente no português brasileiro no final do século XX, quando a construção transitiva de *desaparecer*, com a qual compartilha propriedades semânticas, já estava convencionalizada.

Como o emprego inacusativo de *sumir* seguido de *com* era raro até o século XX, é notável o fato de que, logo após a emergência da construção transitiva, esta tenha se tornado bem mais frequente do que a construção transitiva de *desaparecer*. Defende-se, assim, que o processo de mudança se deu por analogização, isto é, na medida em que já existia um subesquema [X_{agente} V.COM Y_{afetado}] na *constructicon*, *sumir* foi recrutado para essa construção, até mesmo por possuir sentido análogo a *desaparecer*.

A despeito de as ocorrências de *desaparecer* seguido de *com* serem bem mais numerosas em nossa sincronia que as de *sumir* – já que a primeira apresenta uma quantidade muito maior de ocorrências no *Corpus do Português* –, a construção transitiva de *sumir* é mais frequente que a de *desaparecer*. No caso de *desaparecer*, das 112 ocorrências analisadas, apenas 26 são transitivas; em contrapartida, de 110 ocorrências de *sumir*, 74 são transitivas.

Tabela 2. Dados de *sumir* por tipo de construção e periodicidade.

| Período | Ocorrências analisadas da construção inacusativa de <i>sumir</i> seguido da preposição “com” – type 1 | | Ocorrências analisadas da construção transitiva de <i>sumir</i> V.COM – type 2 | |
|--------------|---|--------------|--|--------------|
| | No | % | No | % |
| 1801-1900 | 1 | 100 | - | - |
| 1901-1989 | 1 | 100 | - | - |
| 1990 - 2014 | 32 | 30,76 | 76 | 69,24 |
| Total | 34 | 30,90 | 76 | 69,10 |

Através de investigação dos mesmos *corpora*, chegou-se a um resultado bem distinto, como se pode perceber na tabela 2. Quanto à construção inacusativa seguida de *com*, identificaram-se apenas dois casos, sendo um no século XIX e outro no XX. Abaixo, seguem as ocorrências. Na primeira, em (17), o adjunto adverbial representa uma noção abstratizada de companhia (isto é, tanto o sujeito quanto o adjunto representam elementos que sumirão). Na segunda, em (18), *com medo* representa um adjunto adverbial de causa.

17. Pulverizarei-los como pó que o vento espalha; e farei que se *sumam com* a lama dos caminhos. (BRANCO, Camilo Castelo. *A Freira no Subterrâneo*. 1872)
18. Ah, essas noites em que a luz se foi fazendo cada vez mais clara. Uma hora em que entendi tudo e todas as vozes dentro de mim se *sumiram*

com medo à minha própria voz. A gente só não se arrepende do mal que faz neste mundo. (OLIVEIRA, Manuel de. *Teatro*. 1923).

De 1990 para cá, no entanto, a construção transitiva de *sumir* tornou-se frequente e convencional no PB, conforme atestam os dados da tabela 4, haja vista que as construções transitivas são bem mais frequentes que as inacusativas em que *sumir* é seguido da preposição *com*. Em (19) e (20), seguem dois exemplos de ocorrências da construção transitiva, em que os termos que acompanham a preposição “com” são objetos do verbo, na medida em que são afetados por sua ação.

19. Ao fazer um upload de uma planilha do Excel, o mesmo *sumiu com* os gráficos e desconfigurou a minha planilha, e no momento que faço o download, ele não traz mais a configuração do arquivo quando adicionarei. (Texto da Web – Século XXI).
20. Vírus é uma praga digital, alguns são brincadeiras de mal gosto, outros são coisas sérias e podem até *sumir com* dinheiro da sua conta no banco, ainda bem que existem softwares de segurança como o Panda. (Texto da Web – Século XXI).

Em virtude da “inexistência” da construção transitiva do verbo *sumir* até o final da década de 1980 nos *corpora* e da sua elevada frequência de uso de 1990 até 2014, defende-se que a construção transitiva surgiu no português brasileiro via analogização, e não neanálise. Sob esse ponto de vista, consideramos que a construção transitiva causativa de *desaparecer* formou um subesquema na rede de construções e *sumir* foi recrutado paradigmaticamente, uma vez que, além de pertencer a mesma categoria morfológica, apresenta sentido análogo ao de *desaparecer*.

Não obstante, é interessante notar que, a despeito de ter sido motivado pela construção transitiva de *desaparecer*, em nossa sincronia, o uso transitivo causativo de *sumir* é mais frequente. Supõe-se que, nesse caso, a construção transitiva causativa de *sumir* possa ter-se tornado o protótipo da categoria – na medida em que há uma certa sinonímia entre as duas construções –, mesmo tendo esta construção sido formada de outra por analogia. Porém, esse tipo de conclusão demanda a análise de mais ocorrências. Nesse caso, tal possibilidade mostraria que a representação das categorias na mente humana está diretamente associada à rotinização e à frequência de uso.

Tabela 3. Estimativa dos dados de *desaparecer*, *sumir* e *acabar* nos *corpora*.

| | Total de ocorrências de verbo seguido de “com” nos <i>corpora</i> | Estimativa das construções inacusativas | | Estimativa das construções transitivas | |
|-------------|---|---|--------|--|--------|
| | | | | | |
| Desaparecer | 4.159 | 3.370 | 81% | 789 | 19% |
| Sumir | 2.647 | 816 | 30,82% | 1.824 | 69,18% |
| Acabar | 162.234 | 32.452 | 20% | 129.782 | 80% |

4.2. *Acabar*

Dos subesquemas investigados, [X_{agente} ACABAR.COM Y_{afetado}] é o mais antigo, havendo ocorrências desde o século XVII e XVIII. Seguem dois exemplos (21) e (22), em que tanto *homem* quanto *isso* representam objetos de *acabar*:

21. Vendo Deus que todos os pensamentos do coração humano eram inclinados e aplicados ao mal, resolveu *acabar com* o homem e tirá-lo da face da terra (Sermões de Maria Rosa Mística – 1686)
22. Semicúpio: Rapaziadas. Ora, ande, vá-se aí para dentro e não faça outra: seja sisuda e virtuosa, que assim manda o direito, honestè vivere. Dona Nize: À obediência de vossa mercê. (Vai-se)
Dom Gilvaz: Homem, *acabemos com* isso, venha Dona Clórios, por quem estou suspirando. (SILVA, Antônio José. *Guerrar do Alecrim e da Manjerona*. Teatro do Século XVIII).

Diferentemente de *desaparecer* e *sumir*, *acabar* já instanciava, desde o século XIII, tanto uma construção inacusativa quanto uma transitiva prototípica (isto é, sem preposição), como se pode observar nos exemplos abaixo. Em (24), *sa razon* é sujeito paciente da locução *pode acabar*; em (25), *nulha cousa* é objeto direto de *acabei*.

24. E a quen muyto trem’o coração,
nunca bem pód’acabar sa razon (Cantiga do Século XIII)
25. nulha cousa non acabey,
Ca vede’ lo que eu cuydey (Cantiga do Século XIII)

Portanto, já que tanto a construção inacusativa quanto a transitiva direta coexistiam desde o século XIII, a pesquisa se deparou com estas duas questões:

1) a construção transitiva causativa de *acabar* teria como origem a construção inacusativa ou a transitiva? 2) Por que teria surgido uma nova construção transitiva na língua se já existia um padrão transitivo direto para *acabar*?

No que tange à primeira pergunta, como não se localizaram *nos corpora* contextos atípicos de *acabar* nos séculos XV ou XVI, antes de surgir a construção transitiva causativa de *acabar* na língua, argumenta-se que o mecanismo de mudança tenha sido análogo ao de *desaparecer*. Isso porque, nos estudos mais recentes de processos de mudança de base funcionalista e cognitivista, a exemplo dos estudos realizados com base na Teoria da Construcionalização e das Mudanças Construcionais, as novas construções linguísticas comprovam seu surgimento via neanálise ou analogização. Na neanálise, está implicado um processo inicial de *inferência sugerida* (TRAUGOTT & DASHER, 2005), em que uma forma pertencente a uma construção existente é reinterpretada com um sentido novo (no caso desta pesquisa, uma construção inacusativa é reinterpretada como sendo transitiva causativa). A reiteração e manutenção desse novo sentido leva a um novo nó na rede, isto é, à formação de uma nova construção.

Outro fato que nos leva a crer que a construção transitiva causativa advenha da inacusativa é o fato de ela também ter uma base semântica de causação. Dizer *Deus acabou com o homem* equivale a dizer *Deus FEZ o homem ACABAR*, sendo *homem* o afetado da ação verbal nas duas construções.

Tais semelhanças nos levam a propor que haja uma coerção de sentido da própria construção. Sendo a construção um pareamento simbólico entre FORMA-SENTIDO, há um sentido presente no subesquema, que se apresenta nas ocorrências. Vale frisar que, embora *desaparecer* e *sumir* já tenham sentidos semelhantes em seus empregos mais básicos, o mesmo não vale para *acabar*, cujo sentido básico é outro.

Em relação à segunda questão, descobriu-se que a construção transitiva causativa de *acabar* apresenta possibilidades diferentes quando comparada à construção transitiva direta prototípica. Enquanto esta tem restrições de animacidade na seleção do sujeito (*eu acabei o trabalho* vs **o trabalho o acabou*), a construção transitiva seguida de preposição “com” permite a instanciação de sujeitos - animados (*o trabalho acabou com ele*).

Por fim, segue a tabela dos dados levantados de *acabar* por periodicidade. É importante ressaltar que o número mais baixo de ocorrências no período de 1901-1989 se deve ao fato de o *Corpus Vercial* ser composto prioritariamente por romances escritos no século XIX, e não por uma queda na frequência de uso da construção. Não obstante, mesmo assim, os dados atestam que a cons-

trução transitiva causativa inicia o processo de convencionalização desde o século XVIII.

Tabela 4. Dados de *acabar* por tipo de construção e periodicidade.

| Período | Construções inacusativas do verbo <i>acabar</i> seguido da preposição “com” – type 1 | | Construções transitivas do verbo <i>acabar</i> – V.COM – type 2 | |
|--------------|--|-----------|---|-----------|
| | No | % | No | % |
| 1501-1600 | 5 | 80 | 0 | - |
| 1601-1700 | 8 | 88,88 | 1 | 11,12 |
| 1701-1800 | 1 | 14,28 | 6 | 85,72 |
| 1801-1900 | 4 | 11,76 | 30 | 88,24 |
| 1901-1989 | 7 | 30,43 | 16 | 69,57 |
| 1990 - 2014 | 13 | 11,61 | 99 | 88,39 |
| Total | 38 | 20 | 152 | 80 |

Considerações finais

A Teoria da Construcionalização e das Mudanças Construcionais veio preencher uma importante lacuna nos estudos da mudança linguística em perspectiva cognitivo-funcional. Até o momento, vinha-se associando parte dos pressupostos do funcionalismo clássico para analisar a mudança linguística no nível das construções, mas essa abordagem mostrava-se insuficiente para alguns objetos, como o nosso. Apesar de se defender, nesta pesquisa, a gramaticalização da preposição *com*, o núcleo da construção continua sendo um verbo pleno. Desse modo, a nova abordagem de Traugott & Trousdale (2013) tem-se mostrado eficiente nos estudos de mudança que não representam, necessariamente, uma gramaticalização em curso.

No que tange ao nosso objeto de estudos, $[X_{\text{agente}} \text{ V.COM } Y_{\text{afetado}}]$ trata-se de uma construção que resultou no aumento da valência verbal e na mudança de transitividade. Nesse sentido, argumenta-se que a emergência dessa construção na rede representa uma construcionalização, isto é, uma FORMA_{NOVA}-SENTIDO_{NOVO}. Tal emergência pode dar-se na língua via dois mecanismos cognitivos, a neanálise e a analogização.

Na neanálise, uma regra abstrai-se a partir do uso, por indução. Nesse sentido, um conjunto de formas já existentes na língua é reinterpretado como termos de uma outra construção. As *construções inacusativas* de *acabar*, de-

saparecer e *sumir*, por exemplo, têm, inicialmente, seus adjuntos adverbiais reinterpretados como objeto. A convencionalização desse sentido leva a novas representações na rede de construções.

A construção transitiva causativa de *desaparecer* surge no português brasileiro a partir de um processo de neoanálise, cuja fonte é a construção inacusativa em que está presente um adjunto adverbial que é neoanalisado como sendo um complemento do verbo. Nessa ótica, uma nova construção na língua emerge de um processo de inferência sugerida, em que uma nova função/novo sentido é deduzida a partir do contexto. É provável que o mesmo processo tenha ocorrido com *acabar*, mas, infelizmente, os dados diacrônicos investigados até o momento não oportunizaram flagrar contextos atípicos ou críticos para o uso transitivo causativo desse verbo.

Na analogização, um esquema já está disponível na *constructicon* e, nesse caso, o processo de construcionalização se dá de forma mais automática, pela aplicação de uma regra. Foi o que ocorreu com *sumir*, que foi analogizado pela proximidade de função e sentido com *desaparecer*. Nas mudanças investigadas, está implicada a expansão da gramática, na medida em que há aumento de esquematicidade e de produtividade. Além disso, está implicada a redução da forma, com o encadeamento e a diminuição de composicionalidade entre verbo e preposição.

Acredita-se que, nesse caso, a construção transitiva causativa de *sumir* tenha se tornado o protótipo da categoria – na medida em que há uma certa sinonímia entre as duas construções –, mesmo tendo esta construção sido formada de outra por analogia. Tal fato mostra que a representação das categorias na mente humana está diretamente associada à rotinização e à frequência de uso.

Referências

- CROFT, William. **Radical construction grammar**. New York: Oxford University Press, 2001.
- DAVIES, M.; FERREIRA, M. **Corpus do português: 45 million words, 1300s-1900s**, 2006. Disponível em <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em 18/08/2017.
- DIEWALD, G. **Contexts types in grammaticalization as constructions**. Hannover. Set de 2006. Disponível em <<http://journals.linguisticsociety.org/elanguage/constructions/article/download/24/24-82-1-PB.pdf>> Acesso em 29 de agosto de 2016.

- GOLDBERG, A. **A construction grammar approach to argument structure**. London: Chicago University Press, 1995.
- LANGACKER, R. **Cognitive grammar**. New York: Oxford University Press, 2008.
- LIMA, R. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- LOPES, M. G. **Transitivização de desaparecer em perspectiva cognitivo-funcional**. Tese de doutorado. Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. New York: Oxford University Press, 2013.

Recebido em 19 de agosto de 2017.

Aceito em 4 de outubro de 2017.